



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
Curso de Licenciatura em Pedagogia

ANA CAROLINA MULLER

ENTRE DUAS REALIDADES:
Trajetórias de vida e suas influências na formação escolar

JUIZ DE FORA/MG
2026

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ANA CAROLINA MULLER

ENTRE DUAS REALIDADES:

Trajetórias de vida e suas influências na formação escolar

Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob orientação da Profa. Dra. Maria Zélia Maia de Souza

**JUIZ DE FORA/MG
2026**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ANA CAROLINA MULLER

ENTRE DUAS REALIDADES:

Trajetórias de vida e suas influências na formação escolar

Trabalho de Conclusão de Curso de
Licenciatura em Pedagogia da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como requisito parcial para obtenção do
título de Licenciatura em Pedagogia.

Profa. Dra. Maria Zélia Maia de Souza

FACED/ UFJJF – Orientadora

Profa. Dra. Ana Rosa Picanço

Parecerista – FACED/UFJF

Juiz de fora, 22 de julho de 2026

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, aos meus pais, Waltencyr e Adriana, por serem a base sobre a qual construí minha vida. Em especial, à minha mãe, Adriana, que nunca permitiu que eu desistisse dos meus sonhos, mesmo quando eu mesma insistia em seguir outros caminhos. Com amor, firmeza e incontáveis renúncias, ela fez tudo o que esteve ao seu alcance para que eu tivesse oportunidades que transformaram minha história. Se hoje concluo esta etapa, grande parte dessa conquista pertence a ela.

À minha avó Custódia, que hoje permanece apenas nas minhas lembranças, mas cuja presença continua viva em tudo o que sou. Foi ela quem, durante minha infância, ocupou o lugar de mãe quando a vida assim exigiu. Foi ela quem me colocou na van da escola todos os dias, quem cuidou de mim com amor e quem, sem talvez imaginar, plantou as primeiras sementes da educação em minha vida. Sua dedicação e seu carinho continuam presentes em cada conquista que alcanço.

Aos meus irmãos, Igor e Gabriela, minha gratidão por fazerem parte da minha história. Embora a vida tenha nos levado a crescer em lares diferentes e a percorrer caminhos distintos, os laços que nos unem sempre permaneceram presentes. Observar nossas diferentes trajetórias, formas de viver e maneiras de enxergar o mundo também contribuiu para as reflexões que deram origem a este trabalho, reforçando em mim a compreensão de que as experiências vividas influenciam profundamente a formação de cada sujeito. Apesar das distâncias e das diferenças, sempre reconheci em vocês um lugar de pertencimento e de família.

Ao meu sobrinho Gabriel, que, mesmo tão pequeno, já é capaz de transformar meus dias com sua alegria. Sua chegada trouxe ainda mais sentido, esperança e leveza à minha vida, lembrando-me diariamente da beleza dos recomeços e da importância de construir um mundo cada vez melhor para as próximas gerações.

À minha tia Lenice, por sempre estar presente. Pelos conselhos, pelas broncas quando necessárias e, principalmente, pela amizade construída ao longo dos anos. Seu cuidado sempre foi uma forma de amor, e sou profundamente grata por isso.

À professora Priscilla Sant'Anna e à professora Danyela Silvério, que marcaram minha trajetória muito antes de eu imaginar que escolheria a docência

como profissão. Vocês me ensinaram, por meio do exemplo, que ser educadora vai muito além de ensinar conteúdos. É acolher, escutar, acreditar, incentivar e transformar vidas. Ainda hoje, carrego comigo o desejo de um dia conseguir ser, para meus futuros alunos, ao menos um pouco do que vocês foram para mim. Minha eterna admiração e gratidão.

Aos professores que encontrei ao longo da graduação: Jader Janer, Juliano Guerra, Giovani Cammarota, Rita Pimenta e Mylene Santiago, agradeço pelos ensinamentos, pelas provocações intelectuais e pela sensibilidade com que conduziram minha formação. Cada disciplina, cada conversa e cada incentivo contribuíram para ampliar meu olhar sobre a educação e fortalecer minha escolha pela Pedagogia.

À minha orientadora, professora Maria Zélia Maia de Souza, expresso minha mais sincera gratidão. Obrigada por acreditar neste trabalho, pela paciência, pelas orientações cuidadosas e, sobretudo, por segurar minha mão nos momentos em que o percurso parecia mais difícil. Sua dedicação, generosidade e compromisso com a educação serão sempre uma inspiração para minha vida profissional e pessoal.

À minha grande parceira de caminhada, Yasmin Kneipp, deixo um agradecimento impossível de resumir em poucas palavras. Desde o primeiro dia de aula, ainda durante a pandemia, você esteve ao meu lado. Compartilhamos medos, conquistas, trabalhos, estágios, risadas e incontáveis desafios. Não tenho dúvidas de que, sem a sua presença, eu até poderia chegar aqui, mas certamente não seria da mesma forma. Você tornou essa caminhada mais leve, mais bonita e muito mais feliz.

À minha irmã escolhida pela vida, Keylla Vitória de Paula Santos, agradeço por ser meu porto seguro em todos os momentos. Obrigada por nunca permitir que eu me sentisse sozinha, por acreditar em mim até quando eu mesma duvidava, por me lembrar constantemente do meu valor e por celebrar cada conquista como se fosse sua. Ao seu lado, posso ser exatamente quem sou, sem receios ou máscaras. Nossa amizade é um dos maiores presentes que a vida me deu, e levo comigo a certeza de que nenhuma distância ou mudança será capaz de diminuir o carinho e a admiração que sinto por você.

A todos meus amigos, que diariamente me lembram de que a vida não se resume às responsabilidades acadêmicas e profissionais. Obrigada por me ensinarem que viver é muito mais do que cumprir tarefas; é compartilhar momentos,

construir memórias, celebrar conquistas e encontrar beleza nos pequenos instantes da caminhada.

Por fim, agradeço a todas as pessoas que, de alguma forma, passaram pela minha vida e deixaram marcas que contribuíram para minha formação. Cada palavra de incentivo, cada gesto de cuidado, cada desafio enfrentado e cada encontro vivido ajudaram a construir quem sou hoje. Se este memorial conta a história da pedagoga que começo a me tornar, é porque muitas mãos, muitos corações e muitas histórias caminharam comigo até aqui. A todos vocês, minha mais profunda e eterna gratidão.

*“Ninguém caminha sem aprender a caminhar,
sem aprender a fazer o caminho caminhando,
refazendo e retocando o sonho pelo qual se pôs a caminhar.”*

— Paulo Freire (1996)

RESUMO

Este trabalho apresenta um memorial formativo de caráter autobiográfico que tem como objetivo refletir sobre as influências das trajetórias familiares, escolares, acadêmicas e profissionais na constituição da identidade docente. Fundamentado em autores como Michel Foucault, Jorge Larrosa, Miguel Arroyo, Paulo Freire, António Nóvoa e Elizeu Clementino de Souza, o estudo compreende a formação humana como um processo contínuo, marcado pelas experiências, pelos vínculos e pelas relações estabelecidas ao longo da vida. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza a narrativa autobiográfica como percurso metodológico, articulando memória, experiência e referenciais teóricos para analisar diferentes contextos educativos vivenciados pela autora. São abordadas as experiências na educação básica, com destaque para a educação integral desenvolvida na Escola Municipal José Calil Ahouagi, as rupturas percebidas no ensino médio, a formação no curso de Pedagogia da Universidade Federal de Juiz de Fora, o retorno à escola como estagiária e a atuação profissional no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI). As reflexões evidenciam que a formação docente extrapola os limites da sala de aula, sendo constituída por experiências que envolvem acolhimento, pertencimento, cultura, gestão educacional e trabalho. Conclui-se que a identidade profissional do educador é permanentemente construída por meio das experiências vividas, reafirmando a importância de uma educação comprometida com a formação humana, a escuta, o diálogo e o reconhecimento das singularidades dos sujeitos.

Palavras-chave: formação docente; memorial formativo; narrativa autobiográfica; experiência; educação integral.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DO SUJEITO.....	12
2.1 Trajetória Familiar e Escolar: Primeiras Vivências.....	13
3. EDUCAÇÃO INTEGRAL, CULTURA E PERTENCIMENTO.....	14
3.1 Cultura, Identidade e Práticas Escolares.....	15
4. RUPTURAS, DISTANCIAMENTOS E O ENSINO MÉDIO.....	17
4.1 A Entrada na Universidade e o Outro Lado da Moeda.....	18
5. O RETORNO À ESCOLA JOSÉ CALIL AHOAGI COMO ESTAGIÁRIA.....	18
6. A EXPERIÊNCIA NO SENAI: NOVOS OLHARES SOBRE O TRABALHO EDUCATIVO.....	19
CONCLUSÃO.....	22
REFERÊNCIAS.....	24

1. INTRODUÇÃO

A educação não se constitui como um processo neutro, linear ou desvinculado da vida social. Ela é atravessada por dimensões históricas, culturais, políticas e afetivas que moldam as formas de aprender, ensinar e se relacionar com o saber.

Nesse sentido, compreender o fenômeno educativo exige reconhecer que os sujeitos chegam à escola carregando experiências, valores, crenças e marcas de suas trajetórias pessoais e familiares, as quais influenciam diretamente sua relação com o conhecimento, com os outros sujeitos e com a própria instituição escolar.

Logo, compreendo que as trajetórias escolares não podem ser compreendidas de forma dissociada das experiências familiares e dos contextos sociais nos quais os sujeitos estão inseridos. Conforme discute Magaldi (2010), a família constitui uma importante instância de socialização, mediando a relação entre a criança e as instituições educativas. Assim, compreender os percursos formativos dos estudantes implica considerar também os processos históricos que constituem as relações entre família e educação.

A escola, enquanto espaço social, não atua de forma isolada da realidade dos estudantes. Pelo contrário, ela se constitui como um território no qual se entrelaçam histórias de vida, projetos institucionais, políticas públicas e concepções de educação. Assim, as experiências escolares podem assumir diferentes significados ao longo da trajetória dos sujeitos ora produzindo aproximações, vínculos e pertencimentos, ora reforçando distanciamentos, silenciamentos e exclusões (Bourdieu, 2005).

Partindo dessa perspectiva, este trabalho se configura como um memorial formativo de caráter autobiográfico. A escrita autobiográfica pode ser compreendida à luz das reflexões de Michel Foucault (2006) sobre a escrita de si. Para o autor, narrar a própria trajetória não significa apenas recordar acontecimentos, mas produzir sentidos sobre as experiências vividas e sobre os processos que contribuíram para a constituição do sujeito, compreendido como um dispositivo de reflexão crítica sobre a própria trajetória educacional.

Ao narrar minhas vivências, me aproximo dos referenciais teóricos supramencionados acrescentando parte de pesquisadores que se interessam por narrativas autobiográficas, como Souza (2021). Ao estabelecer diálogo com Elizeu Clementino de Souza (2021), busco compreender como os diferentes contextos familiares e escolares que atravessei contribuíram para a construção da minha identidade enquanto estudante e, posteriormente, enquanto futura pedagoga. O memorial formativo, nesse sentido, não se limita a um relato descritivo, mas constitui-se como um exercício de análise, no qual memória, experiência e teoria dialogam de forma contínua

Essa compreensão também dialoga com Marie-Christine Josso (2010), ao defender que as narrativas de vida constituem importantes instrumentos de formação, uma vez que permitem ao sujeito revisitar suas experiências, atribuir novos significados ao percurso vivido e reconhecer como diferentes contextos, relações e acontecimentos participam da construção de sua identidade.

Nessa perspectiva, escrever um memorial formativo ultrapassa o exercício de recordar fatos; trata-se de um processo de reflexão crítica sobre a própria trajetória, por meio do qual as experiências pessoais tornam-se fonte de aprendizagem, produção de conhecimento e desenvolvimento profissional.

A escolha por esse percurso metodológico fundamenta-se na compreensão de que a formação docente é um processo permanente, construído a partir das experiências vividas ao longo da vida. Conforme apontam estudos da área da formação de professores (CANDAU, 1999, ARROYO, 2002) as histórias pessoais e escolares influenciam diretamente as concepções pedagógicas, as práticas docentes e o modo como o educador se posiciona diante dos desafios da educação. Assim, revisitar a própria trajetória torna-se um movimento fundamental para compreender o presente e projetar o futuro profissional. Dessa forma, importa para o presente trabalho discutir a educação, a experiência e a formação humana.

Essa compreensão aproxima-se das contribuições de Roger Chartier acerca dos processos de apropriação. Os sujeitos não recebem passivamente os conhecimentos e práticas culturais, mas os reinterpretem e ressignificam de acordo com suas experiências e contextos de vida, como veremos no próximo item.

2. EDUCAÇÃO, EXPERIÊNCIA E FORMAÇÃO DO SUJEITO

Compreender a educação como experiência formativa implica deslocar o olhar de uma perspectiva meramente técnica ou instrumental para uma compreensão mais ampla e humana do processo educativo. Jorge Larrosa (2002) contribui de forma decisiva para essa reflexão ao afirmar que a experiência não é aquilo que simplesmente acontece, mas aquilo que nos acontece, nos atravessa e nos transforma. Assim, a experiência educativa está diretamente relacionada à produção de sentidos que os sujeitos constroem a partir de suas vivências no espaço escolar. Nesse sentido, a formação do sujeito não se dá apenas pelo acúmulo de conhecimentos sistematizados, mas pela forma como esses conhecimentos se articulam às histórias de vida, aos afetos, às relações estabelecidas e aos contextos socioculturais nos quais os sujeitos estão inseridos. A escola, enquanto instituição social, possui um papel central nesse processo, podendo constituir-se tanto como espaço de acolhimento, escuta e reconhecimento quanto como um espaço de silenciamento e distanciamento.

Parafraseando Larrosa (2002) esse teórico destaca que a experiência formativa exige tempo, abertura e disponibilidade para ser afetado pelo outro e pelo mundo. Essa compreensão tenciona práticas escolares marcadas pela aceleração dos conteúdos, pela padronização das aprendizagens e pela centralidade nas avaliações. Quando o tempo escolar é organizado apenas para cumprir programas e metas, limita-se a possibilidade de que os estudantes atribuam sentido às aprendizagens, o que pode gerar desinteresse, evasão simbólica e rupturas no vínculo com a escola.

A formação docente, nesse contexto, também se constitui como um processo experiencial. António Nóvoa (1992) ressalta que ninguém se torna professor apenas pelo domínio de técnicas ou teorias, mas pela articulação entre saberes acadêmicos, saberes da experiência e reflexões sobre a própria prática. Assim, revisitar a própria

trajetória escolar, como proposto neste memorial formativo, torna-se um exercício fundamental para compreender como as experiências vividas enquanto estudante influenciam as concepções pedagógicas e as escolhas profissionais.

Ao narrar minha trajetória, reconheço que minha formação foi atravessada por experiências diversas, algumas marcadas pelo acolhimento, pelo diálogo e pelo pertencimento, e outras caracterizadas pelo distanciamento, pela impessoalidade e pela ausência de escuta. Essas vivências contribuíram de maneira significativa para a construção do meu olhar sobre a escola e sobre o papel do educador, reforçando a compreensão de que ensinar e aprender são processos profundamente humanos, relacionais e situados. Parto dessa compreensão para desenvolver a reflexão a seguir.

2.1 Trajetória Familiar e Escolar: Primeiras Vivências

As transformações ocorridas em minha estrutura familiar durante a infância dialogam com estudos da história da infância e da família (ARIÉS, 1987, SÀ, 2007, PRIOE, 1996) que demonstram como as experiências familiares influenciam os processos de socialização e as relações estabelecidas pelas crianças com a escola.

Filha de pais separados desde a infância, transitei por realidades distintas de cuidado, convivência e organização familiar, o que repercutiu diretamente em meu percurso educacional. Durante os primeiros anos da educação básica, morei com minha avó e frequentei uma escola estadual de grande porte, caracterizada por relações mais distanciadas entre alunos e profissionais da educação e por uma organização pedagógica centrada, sobretudo, no cumprimento da grade curricular.

Posteriormente, após o falecimento de minha avó, passei a residir com minha mãe e meu padrasto e ingressei em uma escola municipal de bairro, de tempo integral, cuja proposta pedagógica valorizava a educação integral, os vínculos comunitários e o reconhecimento das singularidades dos estudantes. Essa transição evidenciou como diferentes concepções pedagógicas de escola pública impactam diretamente o modo como os estudantes se relacionam com o saber e com a própria instituição. Essa diferenciação em termos pedagógicos me motiva a escrever o item terceiro do presente trabalho.

3. EDUCAÇÃO INTEGRAL, CULTURA E PERTENCIMENTO

A educação integral, enquanto concepção pedagógica, propõe uma formação que ultrapassa os limites da aprendizagem cognitiva e do ensino fragmentado por disciplinas. Trata-se de uma perspectiva que reconhece o sujeito em sua totalidade, considerando dimensões intelectuais, emocionais, sociais, culturais e corporais como constitutivas do processo educativo. Miguel Arroyo (2013, 2012) contribui de forma significativa para essa compreensão ao defender que a educação integral está diretamente relacionada ao reconhecimento dos estudantes como sujeitos de direitos, portadores de histórias, saberes e culturas que precisam ser legitimadas no espaço escolar.

Os estudos contemporâneos sobre a infância, supramencionados, reconhecem as crianças como sujeitos sociais ativos, produtores de cultura e participantes de seus próprios processos formativos, reforçando a importância de práticas pedagógicas que valorizem suas experiências e formas de participação.

Nessa perspectiva, a ampliação do tempo escolar não se configura como um fim em si mesmo, mas como uma possibilidade de reorganização do currículo e das práticas pedagógicas. A educação integral exige intencionalidade, planejamento e compromisso político com a formação humana. Quando o tempo ampliado é ocupado por experiências culturais, artísticas e coletivas, cria-se um ambiente favorável à construção de vínculos, ao desenvolvimento da autonomia e ao fortalecimento do sentimento de pertencimento dos estudantes.

Na Escola Municipal José Calil Ahouagi, a organização do tempo escolar em período integral possibilitava a vivência de experiências que iam além da sala de aula tradicional. No período da manhã, as disciplinas da grade curricular eram trabalhadas de forma articulada às propostas do turno da tarde, que incluíam projetos culturais como música, teatro, dança e percussão. Essa organização revelava uma concepção de currículo ampliado, no qual diferentes linguagens eram reconhecidas como formas legítimas de aprendizagem e expressão.

O sentimento de pertencimento construído a partir dessas experiências coletivas mostrava-se fundamental para o engajamento dos estudantes no processo educativo. Sentir-se parte da escola, reconhecer-se nos projetos desenvolvidos e perceber que sua cultura e sua história eram valorizadas contribuía para uma relação mais significativa com o aprender. Arroyo (2012, 2013) destaca que a escola

que reconhece os sujeitos em sua totalidade cria condições para que o conhecimento escolar faça sentido na vida dos estudantes, fortalecendo vínculos e promovendo aprendizagens mais duradouras.

Além disso, entendo que a educação integral, especialmente no contexto da escola pública, assume um papel estratégico no enfrentamento das desigualdades sociais. Ao ampliar os tempos, os espaços e as experiências educativas, a escola passa a oferecer oportunidades de acesso à cultura, à arte e ao lazer que muitas vezes não estão disponíveis fora do ambiente escolar. Dessa forma, a educação integral contribui não apenas para o desenvolvimento individual dos estudantes, mas também para a construção de uma educação mais democrática e socialmente comprometida.

3.1 Cultura, Identidade e Práticas Escolares

A valorização da cultura no contexto escolar sempre esteve presente de forma concreta na Escola Municipal José Calil Ahouagi. Desde o longínquo ano de 2006 que a então diretora da referida escola, Profa. Dra. Andreia Borges de Medeiros, afirmava à época

Que a perspectiva pedagógica da escola, que estava centrada nos saberes populares e em seus diálogos com os saberes escolares, em uma educação antirracista, em uma educação integral e inclusiva (Projeto Político Pedagógico, 2006, mimeo).

Nessa direção, um dos exemplos mais significativos dessa proposta era a realização anual da festa do Congado. Uma manifestação cultural afro-brasileira profundamente enraizada na história local e na identidade da comunidade. Essa celebração não se restringia a um evento pontual no calendário escolar, mas constituía-se como um processo pedagógico construído ao longo do ano, envolvendo estudantes, professores, famílias e a comunidade do entorno.

Inspiradas pela compreensão de que a cultura popular, um potente instrumento educativo, as professoras Gisella e Andreia desenvolveram um trabalho sistemático que posteriormente foi registrado na obra *Tempos de Reinados: Imaginários do Congado em Práticas Escolares*. O livro, no qual inclusive apareço em um de seus registros, documenta não apenas a festividade, mas todo o percurso

pedagógico que antecede o evento, evidenciando como o Congado era trabalhado como conteúdo, experiência e vivência cultural dentro da escola.

Nesse processo, os estudantes eram convidados a conhecer a história do Congado, seus significados simbólicos, suas raízes africanas e sua importância para a construção da identidade negra no Brasil. Uma das práticas mais marcantes era a votação para a escolha do Rei e da Rainha do Congo, geralmente realizada entre alunos do quinto ano, que estavam concluindo os anos iniciais do ensino fundamental.

Dessa forma. Ao incorporar manifestações culturais locais ao currículo escolar, a escola fortalece identidades coletivas, valoriza saberes historicamente grupos populacionais marginalizados e promove relações mais significativas entre os conhecimentos escolares e as vivências dos estudantes. A escolha priorizava, de forma intencional, uma menina e um menino negros, o que representava uma ação pedagógica afirmativa voltada para o reconhecimento, a valorização e o fortalecimento da identidade racial dos estudantes.

Minha participação nessas vivências permanece viva em minha memória. Recordo-me especialmente do envolvimento com a música e a percussão, áreas pelas quais sempre tive grande afinidade. Integrava o grupo "Na Batida", no qual tocava tambor com entusiasmo e orgulho. Essas experiências coletivas fortalecem vínculos, despertam sentimentos de pertencimento e produzem aprendizagens que extrapolam os conteúdos formais, alcançando dimensões afetivas, identitárias e sociais.

A presença de professores comprometidos com essas práticas também marcou profundamente minha trajetória. A professora Danyela Silvério, que atuava tanto na música quanto no teatro, foi uma referência significativa em meu percurso escolar. Sua atuação sensível, criativa e comprometida com a formação integral dos estudantes foi determinante para despertar em mim o interesse pela docência. Ao observar sua prática, comecei a compreender que ensinar vai muito além da transmissão de conteúdos: envolve escuta, sensibilidade, acolhimento e compromisso com o desenvolvimento humano.

Essas vivências dialogam diretamente com Paulo Freire (1996) quando afirma que a educação precisa partir da realidade concreta dos educandos, reconhecendo seus saberes, suas culturas e suas experiências como ponto de partida do processo educativo. Ao incorporar manifestações culturais como o Congado ao currículo

escolar, a escola não apenas respeitava a cultura local, mas também promovia uma prática educativa libertadora, na qual os estudantes eram reconhecidos como sujeitos ativos do conhecimento. A Escola Municipal José Calil, segundo o seu Projeto Político Pedagógico do ano de 2022, deu continuidade ao PPP de 2006 no que diz respeito às práticas pedagógicas dialógicas e transformadoras (PPP, 2022, p.6). Concluído o Ensino Fundamental era o momento de dar continuidade aos estudos.

4. RUPTURAS, DISTANCIAMENTOS E O ENSINO MÉDIO

A transição para o ensino médio, realizada em uma escola estadual de grande porte localizada na região central da cidade, representou uma ruptura significativa em minha trajetória escolar. O contraste em relação à experiência vivida na Escola Municipal José Calil Ahouagi foi imediato e profundamente sentido. Tratava-se de uma instituição marcada pela grande quantidade de alunos, provenientes de diferentes bairros, o que dificultava a construção de vínculos e o sentimento de pertencimento.

Nesse novo contexto, a relação entre estudantes, professores e equipe pedagógica mostrava-se distante. A escola, por atender a um número elevado de alunos, funcionava de forma mais burocrática e impessoal. Pouco se sabia sobre as histórias individuais dos estudantes, e havia escassos espaços para a escuta, o diálogo e o acolhimento. Essa realidade impactou diretamente minha relação com o processo de aprendizagem.

O ensino passou a ser percebido de maneira mecânica, centrado no cumprimento da carga horária, na realização de atividades e na preparação para avaliações. As aulas, em sua maioria, não dialogavam com as vivências dos estudantes, tampouco promoviam experiências significativas capazes de despertar o interesse ou o engajamento. Nesse período, vivi os maiores conflitos

comportamentais de minha trajetória escolar, o que compreendo hoje como reflexo direto da ausência de vínculos e da falta de sentido atribuída ao espaço escolar.

A sensação de não ser ouvida, vista ou reconhecida enquanto sujeito produziu um afastamento afetivo em relação à escola. O aprender deixou de ser uma experiência prazerosa e passou a ser uma obrigação, destituída de significado.

Essa vivência evidencia como a organização escolar, as práticas pedagógicas e as relações estabelecidas no cotidiano influenciam diretamente o envolvimento dos estudantes com o processo educativo.

4.1 A Entrada na Universidade e o Outro Lado da Moeda

O ingresso no curso de Pedagogia na UFJF representou um ponto de inflexão em minha trajetória. A universidade possibilitou o contato com teorias, autores e debates que me permitiram compreender, de forma crítica, as experiências vividas ao longo de minha escolarização. Passei a enxergar o "outro lado da moeda": o da intencionalidade pedagógica, do planejamento e das concepções de ensino que sustentam as práticas educativas.

Ao estudar autores como Paulo Freire (1996), Miguel Arroyo (2013) e outros pensadores da educação, compreendi que a forma como ensinamos, organizamos o tempo, selecionamos os conteúdos e estabelecemos relações no espaço escolar influencia diretamente o interesse, a participação e o envolvimento dos estudantes. Planejar aulas deixou de ser apenas uma tarefa técnica e passou a ser entendido como um ato político e ético, carregado de intenções e responsabilidades.

Essa compreensão reforçou em mim a convicção de que o desinteresse dos alunos não é uma característica individual, mas muitas vezes o resultado de práticas pedagógicas que não dialogam com suas realidades, culturas e necessidades. A universidade me permitiu ressignificar minhas próprias experiências enquanto estudante e compreender que o fracasso escolar, em muitos casos, é produzido pelas próprias estruturas educacionais.

5. O RETORNO À ESCOLA JOSÉ CALIL AHOUGI COMO ESTAGIÁRIA

A oportunidade de retornar à Escola Municipal José Calil Ahouagi, agora na condição de estagiária, constituiu-se como um marco fundamental em meu processo formativo. Voltar a esse espaço, sob uma nova perspectiva, permitiu-me

compreender com maior profundidade a intencionalidade das práticas que vivi enquanto aluna.

Durante o estágio, pude observar que os princípios da educação integral e da valorização da cultura já eram trabalhados desde a Educação Infantil. As crianças eram inseridas em experiências que envolviam música, arte, natureza, coletividade e escuta, evidenciando um trabalho pedagógico coerente e contínuo ao longo das etapas da educação básica.

Acompanhar de perto a atuação da gestão escolar também foi profundamente inspirador. A Diretora Profa. Priscilla Sant'Anna, que havia sido minha professora nos anos iniciais, demonstrava, em sua prática pedagógica cotidiana, um compromisso genuíno com os direitos dos alunos e com a defesa de uma escola pública de qualidade. Sua postura ética, sensível e combativa frente aos desafios da educação pública reforçou em mim o desejo de seguir no caminho da docência e da luta por uma educação mais justa e humana.

Esse retorno à escola reafirmou minhas escolhas e fortaleceu minha identidade enquanto futura Pedagoga. Ao articular memória, experiência e teoria, compreendo que minha trajetória não é apenas individual, mas reflete disputas, possibilidades e desafios presentes na educação pública brasileira. A escola, quando comprometida com a formação integral, com a cultura e com o pertencimento, tem o potencial de transformar vidas — como transformou a minha.

6. A EXPERIÊNCIA NO SENAI: NOVOS OLHARES SOBRE O TRABALHO EDUCATIVO

A inserção no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) representou uma nova etapa em meu percurso formativo e ampliou significativamente minha compreensão acerca da educação. Até então, minhas experiências haviam sido construídas principalmente a partir do lugar da estudante, da estagiária e da licencianda em Pedagogia, espaços nos quais meu olhar estava voltado, sobretudo, para as relações estabelecidas entre professor, aluno e processo de ensino-aprendizagem. Ao iniciar minha atuação na área técnico-pedagógica do SENAI, passei a conhecer uma dimensão da educação que até então me era pouco

visível: aquela que acontece nos bastidores da instituição e que sustenta o cotidiano escolar.

Essa experiência permitiu compreender que a escola não se organiza apenas a partir da atuação do professor em sala de aula. Antes que a aprendizagem aconteça, existe uma complexa rede de planejamento, acompanhamento pedagógico, organização administrativa, mediação de conflitos e tomada de decisões que influenciam diretamente a qualidade do processo educativo. Estar inserida nesse contexto modificou profundamente minha percepção sobre o funcionamento das instituições de ensino e sobre a responsabilidade compartilhada entre todos os profissionais envolvidos na educação.

No cotidiano do trabalho, passei a acompanhar situações que, anteriormente, observava apenas pela perspectiva do estudante. A ausência inesperada de um professor, por exemplo, deixou de representar apenas o cancelamento de uma aula, a “alegria” de poder ficar em casa, para revelar uma série de reorganizações necessárias para garantir a continuidade do processo educativo.

Da mesma forma, questões relacionadas ao comportamento dos estudantes, ao planejamento das atividades, às demandas das famílias e às dificuldades enfrentadas pelos docentes passaram a ser compreendidas como parte de uma realidade muito mais ampla e complexa do que eu imaginava enquanto aluna.

Entre as experiências que mais despertaram minha reflexão estão os atendimentos realizados com famílias que procuram a instituição em busca de apoio diante da desmotivação dos jovens. Em muitos casos, os responsáveis demonstram preocupação ao perceber que seus filhos frequentam os cursos apenas em razão da remuneração proporcionada pelo programa de aprendizagem, sem estabelecer vínculos com os estudos ou reconhecer sentido na própria formação. Esses encontros evidenciam que o desinteresse escolar não pode ser interpretado de maneira simplificada ou atribuído exclusivamente ao estudante. Pelo contrário, ele resulta de múltiplos fatores que envolvem aspectos familiares, sociais, econômicos e educacionais, exigindo da instituição sensibilidade, escuta e compromisso com a formação integral desses jovens.

Vivenciar essas situações provocou em mim um movimento constante de reflexão sobre minha própria trajetória. Em diversos momentos, reconheci nas histórias desses estudantes aspectos que dialogavam com experiências vividas por mim durante minha formação escolar. Assim como muitos deles, também

experimentei momentos em que a escola perdeu o sentido, nos quais a ausência de vínculos e de pertencimento produziu desinteresse e distanciamento em relação ao processo educativo. Hoje, ocupando outro lugar dentro da instituição, consigo compreender essas vivências sob uma perspectiva muito mais ampla, percebendo que cada comportamento, cada dificuldade e cada escolha do estudante estão inseridos em uma rede de relações construída ao longo de sua história de vida.

Ao revisitar minha trajetória, percebo que cada experiência vivida contribuiu para constituir a profissional que hoje começo a me tornar. A infância marcada pela convivência em diferentes configurações familiares, a passagem por escolas com propostas pedagógicas distintas, o acolhimento vivido na Escola Municipal José Calil Ahouagi, as dificuldades encontradas durante o ensino médio, a formação universitária e o estágio supervisionado não representam episódios isolados, mas partes de um mesmo percurso formativo. O trabalho desenvolvido atualmente no SENAI permitiu compreender que essas experiências permanecem presentes em minha atuação profissional, influenciando a forma como observo os estudantes, interpreto suas necessidades e compreendo os desafios enfrentados pelas instituições educativas.

Essa compreensão aproxima-se das reflexões de António Nóvoa (1992), ao afirmar que a formação docente não se constrói exclusivamente por meio da aquisição de conhecimentos teóricos, mas sobretudo pela articulação entre experiências, práticas e processos permanentes de reflexão. A identidade profissional do educador constitui-se ao longo da vida, sendo continuamente ressignificada pelas vivências que atravessam sua trajetória pessoal e profissional.

Nesse sentido, atuar no SENAI tem ampliado minha capacidade de compreender a educação para além dos limites da sala de aula, permitindo reconhecer que ensinar e aprender são processos sustentados por uma rede de relações que envolve diferentes profissionais, setores e responsabilidades.

Essa nova perspectiva também fortaleceu minha compreensão sobre a importância da gestão educacional. Muitas vezes, quando se pensa na escola, a atenção recai exclusivamente sobre o professor e sobre a prática pedagógica desenvolvida em sala de aula. Entretanto, acompanhar o trabalho técnico-pedagógico evidenciou que a construção de uma educação de qualidade depende igualmente da atuação articulada da gestão, da coordenação pedagógica, das equipes administrativas e de todos aqueles que organizam as condições

necessárias para que o processo educativo aconteça. Cada decisão tomada, cada planejamento realizado e cada encaminhamento construído coletivamente repercutem diretamente na experiência dos estudantes.

Ao longo desse percurso, passei também a compreender o trabalho como dimensão constitutiva da formação humana. Para Ricardo Antunes (1999), o trabalho ultrapassa sua dimensão econômica, configurando-se como espaço de produção de sentidos, de construção da identidade e de realização dos sujeitos. Essa perspectiva permite compreender que minha inserção profissional no SENAI não representa apenas uma etapa de ingresso no mercado de trabalho, mas constitui igualmente um processo de aprendizagem, no qual minha identidade enquanto pedagoga continua sendo construída. O trabalho, nesse contexto, torna-se espaço de formação, reflexão e transformação.

As reflexões de Richard Sennett (1999) também dialogam com essa experiência ao discutir que a identidade profissional é construída continuamente nas relações estabelecidas no mundo do trabalho. Para o autor, as experiências vividas no exercício profissional produzem marcas que ultrapassam o domínio técnico, influenciando a maneira como os sujeitos compreendem a si mesmos, aos outros e às instituições das quais fazem parte. Ao acompanhar os desafios cotidianos da educação profissional, compreendi que cada situação enfrentada amplia minha capacidade de escuta, fortalece minha sensibilidade diante das diferentes realidades dos estudantes e reafirma a necessidade de uma atuação pedagógica comprometida com a formação humana.

CONCLUSÃO

A elaboração desta narrativa autobiográfica me permitiu revisitar minha trajetória educacional sob uma perspectiva reflexiva, compreendendo que minha formação não foi construída por acontecimentos isolados, mas pelo conjunto de experiências, relações e contextos que atravessaram minha vida.

Ao longo dessa escrita, tornou-se evidente que a identidade docente se constitui continuamente, sendo marcada pelas vivências familiares, pelas diferentes instituições de ensino, pelos encontros com professores, pelas oportunidades de aprendizagem e, mais recentemente, pelas experiências profissionais que ampliaram minha compreensão acerca da educação.

Ao revisitar cada etapa desse percurso, compreendi que as diferentes realidades das quais fiz parte exerceram influências distintas sobre minha maneira de compreender a escola e o papel do educador. Enquanto algumas experiências fortaleceram meu sentimento de pertencimento e despertaram o interesse pelo conhecimento, outras evidenciaram como a ausência de vínculos, de escuta e de acolhimento pode comprometer significativamente o desenvolvimento dos estudantes.

Essas vivências não apenas marcaram minha trajetória escolar, mas também influenciam, ainda hoje, a forma como compreendo os desafios presentes na educação.

A graduação em Pedagogia possibilitou a articulação entre essas experiências e os referenciais teóricos estudados ao longo da formação, permitindo ressignificar acontecimentos que antes eram percebidos apenas como lembranças pessoais. A partir desse processo, tornou-se possível compreender que ensinar envolve escolhas éticas, políticas e humanas, exigindo do educador sensibilidade para reconhecer que cada estudante carrega consigo uma história que interfere diretamente em sua relação com a aprendizagem.

Da mesma forma, as experiências vividas como estagiária na Escola Municipal José Calil Ahouagi e, posteriormente, minha atuação no Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) ampliaram meu olhar sobre o trabalho educativo. Se, inicialmente, minha compreensão estava voltada principalmente para a sala de aula, hoje reconheço que a educação é resultado da atuação coletiva de diferentes profissionais e de um conjunto de decisões pedagógicas, administrativas e institucionais que tornam possível o funcionamento da escola. Conhecer essa dimensão da gestão educacional permitiu compreender que educar também significa planejar, mediar conflitos, acolher famílias, enfrentar desafios cotidianos e construir, de forma colaborativa, condições para que o processo de ensino e aprendizagem aconteça.

Essas experiências reafirmaram minha convicção de que a educação precisa ser compreendida em sua complexidade. As trajetórias dos estudantes não podem ser analisadas desvinculadas de suas histórias de vida, assim como o trabalho desenvolvido pelos profissionais da educação não pode ser reduzido ao espaço da sala de aula. Cada sujeito chega à instituição carregando expectativas, dificuldades, experiências e modos particulares de compreender o mundo, exigindo da escola

práticas fundamentadas na escuta, no diálogo e no compromisso com a formação humana.

Mais do que responder às inquietações que motivaram este trabalho, a escrita deste memorial possibilitou reconhecer que minha própria trajetória continua em construção. As diferentes experiências vividas até aqui — como estudante, estagiária e profissional da educação — deixaram de representar etapas isoladas para constituírem um percurso que continua produzindo aprendizagens e ressignificando minha forma de compreender o ato de educar. Percebo, hoje, que cada desafio enfrentado, cada vínculo construído e cada realidade vivenciada contribuíram para fortalecer minha identidade profissional e reafirmar a escolha pela docência.

Por fim, não poderia encerrar este memorial sem expressar minha profunda gratidão às pessoas que caminharam comigo e que, de diferentes maneiras, contribuíram para que eu chegasse até aqui. Pela profunda compreensão de que este trabalho narra minha trajetória, mas essa trajetória jamais foi construída sozinha fez-se necessário que eu escrevesse os meus agradecimentos.

REFERÊNCIAS

- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 1999.
- Ariès, Philippe. **História social da criança e da família** /. Philippe Ariès; tradução Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.
- ARROYO, Miguel. **Ofício de mestre**: imagens e auto-imagens. 5. ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2002.
- ARROYO, Miguel Gonzáles. **Educação integral**: educar o corpo inteiro. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEB, 2009.

BOURDIEU, Pierre. **A Ilusão biográfica**. In: J. Amado e M.M Ferreira (orgs.). Usos e Abusos da história Oral. 7º Ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2005, p.183-192.

CHARTIER, Roger. **A história cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A escrita de si**. In: FOUCAULT, Michel. Ética, sexualidade, política. Organização de Manoel Barros da Motta. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006. p. 144-162. (Coleção Ditos e Escritos, v. 5).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 17. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de vida e formação**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre a experiência e o saber da experiência**. Revista Brasileira de Educação, Rio de Janeiro, n. 19, p. 20-28, jan./abr. 2002.

MAGALDI, Ana Maria Bandeira de Mello. A escola e as reformas sociais: a família em questão. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes; NASCIMENTO, Cecília Vieira do; SANTOS, Marileide Lopes dos. (Org.). **Reformas educacionais no Brasil: democratização e qualidade da escola pública**. 1ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010, v. 1, p. 131-159.

MEDEIROS, Andréa Borges de; PELIZZONE, Gisela Marques. **Tempos de reinados: imaginários do Congado em práticas escolares**. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.

NÓVOA, António. **Os professores e a sua formação**. Lisboa: Dom Quixote, 1992.

PRIORE, Mary Del (Org.). O papel branco, a infância e os jesuítas na colônia. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *História da criança no Brasil*. 4. ed. São Paulo: Contexto, 1996.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). **Revendo a caminhada: uma forma de reconstruir o PPP da escola EMJCA**. Juiz de Fora, 2006, mimeo.

PROJETO POLÍTICO PEDAGÓGICO (PPP). **José Calil Ahouagi**: muitas vozes, narrativas e invenções em uma cultura de escola singular. 2015-2021. Juiz de Fora, 2022, mimeo.

SÁ, Elizabeth Figueiredo de. *De criança a aluno: as representações da escolarização da infância em Mato Grosso (1910-1927)*. Cuiabá: EdUFMT, 2007.

SENNETT, Richard. **A corrosão do caráter: consequências pessoais do trabalho no novo capitalismo**. Rio de Janeiro: Record, 1999.

SOUZA, Elizeu Clementino de. Pesquisa formação narrativa (auto)biográfica: da tessitura de fontes aos desafios da interpretação hermenêutica. In: **Educ. rev.** 37 • 2021.

SOUZA, Maria Zélia Maia. **Vidas Compartilhadas**: escritas de si e dos Outros. São Carlos: Pedro & João Editores, 2023.